



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2007
ISSN 1887-4606
Vol. 1(2) 295-316
www.dissoc.org

Artículo

**A representação da infância em situação
de rua na literatura de cordel brasileira:
uma análise discursiva crítica**

Viviane de Melo Resende

Universidade de Brasília

Resumo

Este trabalho resulta de uma pesquisa visando à análise dos modos como a Literatura de Cordel legitima ou questiona a lógica neoliberal de demissão do Estado e o conseqüente agravamento da precariedade social e da apartação na sociedade brasileira. Para tanto, a Análise de Discurso Crítica foi adotada para análise lingüístico-discursiva de um folheto de cordel sobre o tema. O folheto foi analisado na perspectiva de seu significado representacional, por meio da abordagem do significado que a expressão 'meninos de rua' assume no texto. A Etnografia foi utilizada como método complementar à Análise de Discurso Crítica, tanto para uma maior compreensão das práticas discursiva e social envolvidas na produção de cordel quanto para o embasamento da análise lingüístico-discursiva. Foram entrevistados atores sociais envolvidos com a produção de cordel, inclusive a autora do folheto analisado. Os resultados da pesquisa apontam a internalização de discursos que sustentam a percepção fatalista da globalização neoliberal no cordel, o que serve para evidenciar como a circulação massiva dessas representações em variados tipos de texto é parte importante da hegemonia. Isso porque o texto analisado, evidentemente, não objetiva a legitimação do neoliberalismo e da apartação, mas, pela internalização desses discursos, muitas vezes acaba por fazê-lo.

Palavras-chave: teoria social do discurso, análise de discurso crítica, exclusão social, literatura de cordel.

Abstract

This paper is an analysis of the modes in which contemporary Cordel Literature legitimises and/or questions neoliberal logic in its nullifying of the State and its subsequent aggravating of social risk and isolation in Brazilian society. A Critical Discourse Analysis of a Cordel booklet on childhood in the streets is combined with Ethnographic fieldwork to better understand the discursive and social practices embedded in the current production of Cordel Literature. Various social actors involved in Cordel production were interviewed, including the authoress of the booklet analysed. Research results indicate the internalisation of discourses in the Cordel that support a fatalist perception of neoliberal globalisation. This highlights how the mass distribution of such representations of the social world through various types of texts in institutional environments is an important aspect of hegemony. This is so given that the booklets studied here do not seek, to overtly legitimise neoliberalism and isolation, but, nonetheless, through the internalisation of their discourses end up in many instances legitimising them all the same.

Keywords: critical discourse analysis, social exclusion, 'cordel' literature.

Introdução

Este trabalho é parte de um projeto mais amplo em que analisei, da perspectiva dos significados acional, representacional e identificacional, conforme a proposta de Fairclough (2003), quatro folhetos de cordel sobre a infância em situação de rua no Brasil – *Meninos de rua*, de Mestre Azulão; *Meninos de rua*, de Esmeralda Batista; *Meninos de rua e a Chacina da Candelária*, de Gonçalo Ferreira da Silva e *A discussão de um menino de rua com o Resgate Pró-Criança*, de Vicente Pereira.

Aqui me limito à análise do significado representacional em um folheto, aquele de Esmeralda Batista. Começo por uma breve contextualização da literatura de cordel, na primeira seção. Em seguida, apresento a Teoria Social do Discurso, abordagem da Análise de Discurso Crítica em que me baseio para formular a análise. Na terceira seção, discuto o neoliberalismo como discurso. Na seção 4, passo a analisar o folheto *Meninos de rua* da perspectiva de seu significado representacional, tendo como categoria analítica o significado de palavra. Por fim, tiro algumas conclusões acerca da internalização de discursos no folheto e de sua implicação na identificação dos atores sociais representados. O texto do folheto *Meninos de rua* encontra-se em anexo.

Literatura de cordel

Alguns estudiosos do cordel falam em sua caducidade e iminente extinção, entretanto o que se observa é que o cordel ainda é amplamente produzido, ainda que sua prática discursiva tenha sido radicalmente transformada. Hoje se compreende a necessidade de se contemplar o gênero sob uma perspectiva histórica e cultural e, sob essa perspectiva, vinculada à situação social, é inegável a transformação pela qual passou o gênero. Essa transformação é consequência de mudanças culturais e sociais operadas em sua região de origem. Hoje o/a nordestino/a da zona rural já não depende do cordel para se informar ou se divertir; o/a cordelista já não se mantém exclusivamente de sua poesia, é obrigado/a a buscar outras formas de trabalho (Resende, 2006b).

Os gêneros mudam a partir das modificações na situação social na qual exercem sua função, e as transformações ostensivas que se operam nos gêneros pré-existentes ocasionam o surgimento de novos gêneros. Daí a necessidade de se fazer a distinção entre o cordel tradicional e o cordel contemporâneo: diferem em sua função social, em seus participantes, em suas práticas discursiva e social. Considerando que o cordel tradicional firmou-se em uma situação social na qual era importante fonte de

informação, cultura e lazer, em um meio específico – o Nordeste brasileiro – e ligado às peculiaridades da cultura local; é natural que tenha sofrido alterações, uma vez que esse meio já não existe com as características que tinha. Se a prática discursiva mudou, também a temática é outra: hoje predominam os folhetos noticiosos e de crítica social, que abordam problemas políticos.

As amplas transformações sociais de que o século XX foi testemunha acarretaram mudanças também amplas nas práticas discursiva e social do cordel. A prática discursiva envolve os processos de produção, distribuição e consumo de textos, processos sociais relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares, e a natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos (Fairclough, 2001b). No período tradicional, o cordel era consumido, principalmente, pela população do interior do Nordeste e cumpria papel de informação e lazer coletivo. Os folhetos eram importante fonte de divulgação de fatos quando jornal era raro no Nordeste brasileiro, e a leitura do cordel constituía também um momento de lazer coletivo, de socialização (Galvão, 2001).

A partir dos anos de 1950, a migração de populações nordestinas ao Centro-Sul do país fez migrar também a literatura de cordel. Os cordelistas entrevistados por Assis Ângelo (1996: 76) justificam a migração pelas condições de venda de folhetos: “tanto no Rio como em São Paulo é muito mais fácil ganhar dinheiro do que no Nordeste”. Na década de 1960, o cordel passou por uma grande crise, voltando a ser centro de interesses a partir dos anos de 1970 – porém, já com outra importante modificação em sua prática discursiva: o público consumidor. Tornou-se interesse de turistas e pesquisadores/as brasileiros/as e estrangeiros/as. Além dos/as consumidores/as, também os/as próprios/as cordelistas já não são os/as mesmos/as – a própria inserção de mulheres entre cordelistas é uma prática recente, inexistente no período tradicional. Abreu (1999) registra que a maioria dos poetas das três primeiras décadas do século XX nasceu na zona rural, filhos de pequenos/as proprietários/as de terra ou de trabalhadores/as assalariados/as, e tiveram pouca ou nenhuma instrução formal. Os/as cordelistas contemporâneos/as, assim como os/as consumidores/as, têm maior acesso à cultura letrada.

As transformações da prática discursiva refletem transformações da prática social, uma vez que aquela é mediadora entre esta e o texto (Fairclough, 2001a). O cordel contemporâneo, inserido no contexto da modernidade tardia (Giddens, 2002), deslocado de sua prática original e recontextualizado em práticas diversas (Resende, no prelo), reflete peculiaridades de seu tempo histórico. É assim que, por exemplo, o discurso neoliberal é recontextualizado no folheto em análise.

Teoria Social do Discurso

A Teoria Social do Discurso é uma abordagem de Análise de Discurso Crítica que se baseia em uma percepção da linguagem como parte irreduzível da vida social, dialeticamente interconectada a outros elementos sociais (Fairclough, 2003). Entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que é constituído socialmente, mas também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: o discurso é informado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social.

Não há uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética (Fairclough, 1989). Assim, o discurso é definido como forma de prática social, modo de ação sobre o mundo e a sociedade, um elemento da vida social interconectado a outros elementos. Mas o termo ‘discurso’ apresenta uma ambigüidade: também pode ser usado em um sentido mais concreto, como um substantivo contável, em referência a ‘discursos’ particulares – como, por exemplo, o discurso religioso e o discurso neoliberal.

Toda prática social é composta de momentos que se articulam e não podem ser reduzidos um ao outro (Harvey, 1992). Os elementos constituintes de uma prática social são discurso, atividade material, relações sociais (relações de poder e luta hegemônica pelo estabelecimento, manutenção e transformação dessas relações) e fenômeno mental (crenças, valores e desejos). Nessa perspectiva, o discurso é visto como *um* momento da prática social ao lado de outros igualmente importantes – e que, portanto, também devem ser privilegiados na análise, pois o discurso é um elemento da prática social que constitui outros elementos sociais assim como é informado por eles, em uma relação dialética de articulação e internalização (Chouliaraki & Fairclough, 1999). Por isso, através da análise de amostras discursivas historicamente situadas, pode-se perceber a internalização de outros momentos da prática no discurso, ou seja, a interiorização de momentos como, por exemplo, relações sociais e ideologias no discurso.

Duas relações se estabelecem entre discurso e hegemonia. Em primeiro lugar, a hegemonia e a luta hegemônica assumem a forma da prática discursiva em interações verbais, a partir da dialética entre discurso e sociedade – as hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso. Em segundo lugar, o próprio discurso apresenta-se como uma esfera da hegemonia, sendo que a hegemonia de um grupo é dependente, em parte, de sua capacidade de gerar práticas discursivas e

ordens de discurso que a sustentem. Uma vez que a hegemonia é vista em termos da permanência relativa de articulações entre elementos sociais, existe uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos (Fairclough, 1997).

De um ponto de vista discursivo, a luta hegemônica pode ser vista como disputa pela sustentação de um status universal para determinadas representações particulares, do mundo material, mental e social (Fairclough, 2003). Nessa perspectiva, uma vez que o poder depende da conquista do consenso e não apenas dos recursos para o uso da força, a ideologia tem importância na sustentação de relações de poder.

O conceito de hegemonia, então, enfatiza a ideologia no estabelecimento e na manutenção da dominação, pois se hegemônias são relações de dominação baseadas mais no consenso que na coerção, a naturalização de práticas e relações sociais é fundamental para a permanência de articulações baseadas no poder (Thompson, 1995).

Determinados discursos podem ser considerados ideológicos. Um discurso particular (e aqui 'discursos' refere-se ao conceito mais concreto) pode incluir presunções acerca do que existe, do que é possível, necessário, desejável. Tais presunções podem ser ideológicas, isto é, conectadas a relações de dominação. Fairclough (2003) explica que ideologias são em princípio representações, mas podem ser legitimadas em maneiras de ação social, e inculcadas nas identidades de agentes sociais. Tal compreensão da ideologia baseia-se na formulação de gêneros, discursos e estilos como as três principais maneiras através das quais o discurso figura em práticas sociais, de acordo com a proposta de Fairclough (baseada no funcionalismo de Halliday) de se abordar o discurso em termos de três principais tipos de significado: o significado representacional, o significado acional e o significado identificacional (Fairclough, 2003).

Neste trabalho, o foco recai sobre o significado representacional, relacionado ao conceito de discurso como modo de representação de aspectos do mundo. Diferentes discursos são diferentes perspectivas, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que dependem de suas posições sociais e das relações que estabelecem com outras pessoas. Os diferentes discursos não apenas representam o mundo 'concreto', mas também projetam possibilidades diferentes da 'realidade', ou seja, relacionam-se a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares.

Alguns discursos, em contextos sócio-históricos definidos, apresentam um alto grau de compartilhamento e repetição, podendo gerar muitas representações e participar de diferentes tipos de texto. A escala de atuação de um discurso pode variar de representações localizadas a representações globais, capazes de colonizar diversas práticas na vida social, em boa parte

do mundo. Nesse sentido, pode-se dizer que o discurso neoliberal apresenta alto grau de repetibilidade e atua em escala global, influenciando diversas práticas.

Neoliberalismo como discurso

No contexto do novo capitalismo, a importância do discurso para a obtenção do consenso é redobrada, com destaque para o discurso neoliberal, que classifica as reestruturações recentes do capitalismo como evolução ‘natural’, isenta da ação humana e inescapável. A mudança é nominalizada sob o título de ‘globalização’, representada como uma entidade dotada de ação, um fenômeno (e não um processo) universal e inevitável. As aspirações hegemônicas do neoliberalismo são, em parte, uma questão de universalização dessa perspectiva particular, ou seja, desse discurso particular a respeito do novo capitalismo. O sucesso dessa representação pode ser medido em termos de sua repetibilidade, isto é, do quanto circula em variados tipos de texto.

Bourdieu (1998: 42) capta a importância da circulação desse discurso no estabelecimento e manutenção da hegemonia neoliberal. Para ele, “*a força desse discurso dominante*” reside no que “*se ouve dizer por toda parte, o dia inteiro*”. A visão neoliberal, que “*se apresenta como evidente, como desprovida de alternativa*”, produz uma verdadeira crença, uma “*impregnação*”, visto que é muitas vezes repetida e, assim, tomada como tácita. Desse modo, o discurso fatalista que transforma tendências econômicas em fatalidade adquire o *status* de consenso, passa a ser compartilhado.

Embora o projeto neoliberal seja uma ‘revolução conservadora’, uma involução – no sentido de que retrocede tanto nas relações trabalhistas, visto que os direitos adquiridos pelos trabalhadores lhes são retirados, quanto na função do Estado, que involui em termos de sua intervenção na distribuição de serviços –, por meio de um discurso travestido de modernidade consegue fazer-se passar por revolucionário e progressista.

Esse discurso fatalista, segundo Bourdieu (1998: 75-7), consiste em “*transformar tendências econômicas em destino*”. Representando as transformações do capitalismo global como uma fatalidade regida por ‘leis econômicas’ inescapáveis, o discurso neoliberal dissemina a crença de que não haveria alternativas a esse modelo de produção, conquista o consenso e a submissão, e naturaliza a pobreza e a injustiça social – tanto no interior de um país quanto entre países e regiões do mundo.

Bourdieu (1997: 216) utiliza a expressão “*demissão do Estado*” ao afirmar que a conversão coletiva à visão neoliberal foi acompanhada pela

demolição da idéia de serviço público. Como parte dos ‘ajustes’ neoliberais, os países periféricos foram obrigados a reduzir seus ‘gastos’ sociais em favor da lógica econômica, e os serviços básicos, conquistados como direito da/o cidadã/o, voltaram ao mercado.

Assim, malgrado o atual estágio do capitalismo planetário seja resultado de escolhas políticas e econômicas determinadas por um modo de produção histórico, a globalização é apresentada como inexorável. O resultado dessa representação é uma naturalização da injustiça social em escala global, que passa a ser vista como etapa transitória e necessária rumo ao ‘desenvolvimento’. Nos termos de Thompson (1995: 83), com essa “*dissimulação*”, dissemina-se a crença de que a ‘modernidade’, entendida como desenvolvimento econômico, poderia se estender a todo o planeta.

Apesar do discurso progressista, a modernidade, assim compreendida, não nos trouxe avanços que possam ser comparáveis à superposição de antigas situações de desigualdade e miséria com uma ‘nova pobreza’ causada pela generalização de situações de precariedade (Soares, 2003). Nesse contexto, Buarque (2001) propõe o conceito de apartação para abordar o desenvolvimento separado da sociedade, dividido entre seus segmentos incluídos e excluídos.

O autor propõe um *continuum* entre os conceitos de desigualdade, diferença e dessemelhança. Em um caso de desigualdade, as classes sociais, embora desiguais, convivem em uma relação de ‘necessidade mútua’, e todas têm acesso aos bens essenciais como alimentação, saúde, educação. O que as torna desiguais é o acesso ao consumo de bens e serviços supérfluos. Nesse sentido, a desigualdade social constitui a distinção entre pessoas do mesmo lado da fronteira social. A diferença, por outro lado, refere-se à distinção entre os lados dessa fronteira. A dessemelhança, por sua vez, diz respeito à perda do sentimento de igualdade.

Análise representacional no folheto *Meninos de rua*

O folheto *Meninos de rua* é de autoria de Esmeralda Batista, enfermeira aposentada, natural de Juazeiro do Norte, Ceará, Nordeste brasileiro. Foi produzido em Juazeiro do Norte, em 2001, em uma tiragem independente (sem vínculo com editoras) de mil exemplares, conforme a autora me informou em entrevista concedida por carta em outubro de 2004. O texto é constituído de 32 estrofes distribuídas em oito páginas. As estrofes são escritas em sextilhas com versos setessilábicos, com padrão de rima ABCBDB, padrão convencional para folhetos circunstanciais. O folheto traz na capa uma xilogravura da autora, em que se vê uma criança com

expressão triste. Na quarta-capa, tem-se transcrita uma passagem bíblica (Mateus, 19, 16).

Três discursos são notáveis no folheto: um discurso fatalista, que representa a pobreza em termos de falta de sorte; um discurso assistencialista, que representa a solução do problema em termos de caridade; e um discurso religioso – responsável pelo estabelecimento da conexão entre os dois primeiros –, que permeia todo o texto. Esses discursos se notam nos significados que a expressão ‘meninos de rua’ assume no texto.

De acordo com o discurso fatalista acerca da precariedade social, a pobreza é entendida em termos de falta de sorte, de uma fatalidade independente da ação política humana. A visão da pobreza em termos de falta de sorte coaduna-se com o discurso neoliberal, que classifica as reestruturações do capitalismo como evolução ‘natural’, isenta da ação humana e inescapável. Nesse sentido, pode-se afirmar que o folheto articula o discurso neoliberal por meio de um discurso fatalista acerca da precariedade.

Além do discurso fatalista, outro discurso que, no folheto, legitima a lógica neoliberal é o discurso assistencialista. De acordo com a lógica neoliberal de recuo do Estado e transferência de serviços sociais para o mercado e para a sociedade, observa-se em *Meninos de rua* a articulação do discurso assistencialista que sugere a solução do problema em termos de caridade. A responsabilidade do poder público na resolução do problema fica apagada pela ênfase que se dá à ação da sociedade civil. Há um deslocamento na atribuição de funções do Estado.

Por fim, há no folheto a articulação de um discurso religioso cristão, saliente na amostra. Esse discurso representa o engajamento da sociedade na resolução do problema não como consequência de indignação pela injustiça, mas como dever cristão.

Não há, no folheto, representação de responsabilidades ou causas para o problema, de acordo com a lógica de aparências a que se filia, e o problema é, assim, abordado por meio de um discurso fatalista. O discurso assistencialista, aliado ao discurso fatalista, legitima a demissão do Estado de suas funções sociais. A ‘luta’ referida no folheto não é uma questão de indignação política, mas de dever cristão, de acordo com o discurso religioso articulado (em outra ocasião, apresentei uma análise da interdiscursividade nesse folheto, à qual farei referência quando tratar da articulação de discursos na amostra; ver Resende, 2006a).

Neste artigo, a categoria de análise da representação discursiva no folheto é o ‘significado de palavra’. Fairclough (2001a: 105) registra que um foco de análise recai sobre o modo como “*os sentidos das palavras entram em disputa dentro de lutas mais amplas*”, sugerindo que “*as estruturas*

particulares das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia". Os significados das palavras e a lexicalização de significados não são construções individuais, são variáveis socialmente construídas e socialmente contestadas, são "*facetadas de processos sociais e culturais mais amplos*" (*op. cit.*: 230). Além disso, a relação entre palavra e significado não é uma constante trans-histórica, ao contrário, muitos significados potenciais são instáveis, o que pode envolver lutas entre atribuições conflitantes de significados – e a variação semântica é vista como um fator de conflito ideológico, pois os significados podem ser política e ideologicamente investidos.

Nesse sentido, investiguei, no folheto de cordel, os significados assumidos pela expressão 'meninos de rua'. Examinei os padrões de co-ocorrência entre a expressão analisada e outras palavras que sirvam para completar ou definir seu significado, visto que itens lexicais em textos podem ser afetados por padrões de colocação recorrentes (Fairclough, 2003). Analisei também as lexicalizações alternativas a 'meninos de rua' no texto, lançando mão da representação das crianças em situação de rua para inferir o significado que a expressão assume.

Há quatro ocorrências da expressão 'menino(s) de rua' no texto, às estrofes /08/, /11/, /26/ e /27/. Nas estrofes /08/ e /11/ a referência é plural, "*meninos de rua*", e nas estrofes /26/ e /27/ a referência é feita a um menino apenas, aquele com quem a autora estabelece diálogo e que representa todos, em uma generalização, conforme a autora me informou na entrevista que me concedeu por carta. Quanto aos padrões de co-ocorrência, observem-se os versos transcritos no exemplo (1) a seguir.

- (1) Meninos de rua sem sorte/ Sem casa vivendo num beco (/08/)
Meninos de rua, coitados! (/11/)
Menino de rua eu quisera/ Poder mudar tua vida/ Dar-te colégio e lar (/26/)
Menino de rua descalço/ Em trapos, com fome, a chorar (/27/)

Nas estrofes /08/ e /11/, a expressão 'meninos de rua' ocorre ao lado de expressões que denotam falta de sorte ("*sem sorte*" e "*coitados*"), colaborando na representação da pobreza por meio de um discurso fatalista. A estrofe /09/ (ver Anexo), em que a lexicalização alternativa é "*pobres coitados*", colabora na construção desse sentido – trata-se de lexis cristalizada da Língua Portuguesa. Nas estrofes /26/ e /27/, a expressão 'menino de rua' co-ocorre com expressões que aludem às necessidades básicas de que carecem as crianças. A construção do significado aqui tende a representar as crianças em situação de rua como vítimas, ainda que sejam vítimas não de uma injustiça, mas de uma fatalidade, de falta de sorte.

Uma lexicalização alternativa recorrente no folheto é o uso simplesmente da palavra ‘menino(s)’. Essa lexicalização ocorre às estrofes /03/, /04/, /15/, /17/, /29/, /30/ e /32/. Vejamos o que indicam os padrões de co-ocorrência:

- (2) Vamos falar de meninos/(...) que vivem nas ruas/ Mendigando o pão do dia (/03/)
Do menino que falo agora/ É menino cá do sertão.../Que merece compaixão (/04/)
Tirar das ruas os meninos.../A tristeza que impera/ Vai sumir para o além (/15/)
Menino de olhos tristes/ De roupa suja, rasgada.../Tua vida será mudada (/17/)
Tão magros, tão tristes meninos/ Jogados na vida sem lar (/29/)
Menino ainda criança.../.../Ao teu triste sacrifício (/30/)
Menino, não desanimes.../Deus certamente é contigo (/32/)
Um dia o sol nascerá/ Para todos os meninos. Amém. (/32/)

O padrão de co-ocorrência nas estrofes /03/, /17/ e /29/ repete a alusão às necessidades básicas não-satisfeitas das crianças em situação de rua. Nas estrofes /04/, /15/ e /30/, acrescenta-se uma referência à infelicidade das crianças. Nas estrofes /15/ e /32/, há uma conotação de mudança necessária, mas, tal como a análise interdiscursiva demonstrou (Resende, 2006a), essa mudança é essencialmente baseada na fé e na caridade. Além disso, a mudança quase sempre é representada como não partindo das crianças, mas de um agente externo, como em “*tua sorte será mudada*”. Assim, ao significado de ‘meninos de rua’ como vítimas, aqui se acrescentam os significados ‘tristes’ e ‘passivos’. Quanto à passividade das crianças, note-se que no folheto são escassas as representações de atividades atribuídas a elas, são muito mais recorrentes as representações estativas (Resende, 2005).

Outra lexicalização alternativa freqüente no texto é ‘criança(s)’, atualizada às estrofes /03/, /06-08/, /11/, /14/, /16/, /21-23/, /28/ e /30/. Os padrões de co-ocorrência se repetem: as palavras paralelas a ‘criança(s)’ fazem alusão a necessidades básicas de que crianças em situação de rua são carentes, ao sofrimento da vida nas ruas, à mudança por meio da caridade, entendida como dever cristão. A estrofe /21/ acrescenta uma referência ao lúdico da infância, à beleza da criança: “*Criança é coisa tão bela/ É como a rosa em botão*”. Com isso, a autora acresce ao significado de ‘meninos de rua’ sua condição de crianças, o que traz consigo um valor de inocência. Note-se, entretanto, que essa identificação entre ‘meninos de rua’ e inocência infantil é restringida a crianças nessa situação especificamente no interior nordestino, pois à estrofe /4/ lê-se: “*Do menino que falo agora/ É menino cá do sertão/ Da terra do povo pobre/ Que merece compaixão/ Que ainda é inocente/ E espera por mutirão*”. Assim, cria-se uma disjunção entre esse ‘menino de rua’ sertanejo, cuja inocência o faz merecedor de “*compaixão*”, e o ‘menino de rua’ da cidade grande, que talvez já não seja inocente (a ruptura é reforçada pelo “*ainda*”).

A solução para o problema da infância em situação de rua defendida no folheto baseia-se essencialmente na fé e na prática da caridade. Observem-se os versos de Meninos de rua transcritos no exemplo (3), a seguir:

- (3) Crianças que vivem na rua/ Mendigando o pão do dia/ A caridade que é sua (/03/)
Tirá-los da rua é a medida/ Correta para nós cristãos (/09/)

Com base nos versos destacados acima, é possível afirmar que o folheto legitima o discurso neoliberal, no tangente à lógica da demissão do Estado, transferindo para a sociedade civil a responsabilidade pela solução do problema. Na entrevista que me concedeu, Esmeralda defendeu seu ponto de vista acerca da solução para o problema da infância em situação de rua proposta no texto. A autora refere-se a seu folheto como “uma oração” e, na carta que me enviou em resposta a algumas perguntas que eu lhe havia formulado, faz repetidas referências a sua crença religiosa. A respeito da prática da caridade, Esmeralda considera:

A caridade é um dom que vem de Deus, é através dela que nos aproximamos mais do Criador do Universo. Com essa aproximação nos enchemos de amor e felicidade. A caridade é benevolência, é beneficência. A prática de caridade é indispensável para cada um de nós. A caridade é amor, é uma forma especial que une a todos num elo fantástico da vida. É ela a chave que nos revela e nos conduz à vida e a Deus. Quanto às crianças pobres e abandonadas, a caridade é primordial, indispensável. O amor se entrelaça com a caridade e daí nasce vida onde só havia antes a morte. O abominável se torna felicidade e sucesso. Por isso não se pode responsabilizar só o governo de todo esse fracasso que é ter no nosso mundo tantas crianças jogadas nas ruas.

Sua filiação a esse discurso esclarece a função da passagem bíblica transcrita na quarta-capa do folheto. Trata-se da parábola “O jovem rico”, em Mateus, 19, 16. Nessa parábola, de acordo com a transcrição na quarta-capa do folheto, Jesus diz ao jovem rico: “*Se queres ser perfeito vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois vem e segue-me*”. Em sua carta, Esmeralda Batista explica essa articulação:

Este conselho não foi só para aquele homem rico, é sim, também, para cada um de nós. Isto não quer dizer que fiquemos na miséria quando se deve vender tudo e dar aos necessitados. Quer dizer que podemos dividir o que temos com os pobres, ajudando-os dentro do possível. Não é necessário trocarmos de lugar com o pobre. Temos que dividir nosso pão, nosso afeto, nossa presença, nosso amor, nossos conselhos. Ajudar uma criança de rua direta ou indiretamente é fazer o que Jesus ordena. Finalizando, todos nós podemos e devemos ajudar, não só aos meninos de rua, mas a todos os desvalidos da vida. Não é só o Governo que tem a obrigação de resolver ou amenizar essa injustiça, mas cada um de nós unidos e determinados nessa tarefa.

Não é minha intenção julgar a crença religiosa expressa no folheto e na carta de Esmeralda, pelo contrário, tenho todo respeito por essa e por qualquer crença que pregue a paz entre os seres humanos. Todavia, é impossível não notar como esse discurso naturaliza, nos termos de Thompson (1995), a injustiça social, visto que não questiona a existência de “necessitados” ou “desvalidos” como consequência de escolhas e de processos políticos humanos, que nada têm a ver com Deus.

Embora em alguns trechos de sua carta a autora faça referência ao papel do Estado na resolução do problema da infância em situação de rua (“a solução deste problema está na união de todos e no interesse de cada um, em particular do Governo em todas as esferas. Unindo todas as nossas forças, nosso desempenho, tudo mudaria pouco a pouco”), fica patente que a ênfase está na ação individual por meio da prática da caridade, cujo objetivo não é apenas resolver o problema dos “desvalidos”, mas também, e quiçá sobretudo, conquistar a aproximação do indivíduo caridoso com Deus.

A análise do significado representacional no folheto evidencia sua filiação a uma lógica de aparências, em que as relações causais e estruturais do problema não são percebidas. Não se reconhecem causas estruturais para a pobreza, que é reificada por naturalização, uma vez que não é percebida como consequência de processo histórico (Thompson, 1995). Sendo uma criação social, a pobreza é tratada como se fosse natural, independente da ação humana.

O folheto de Esmeralda legitima a retirada do Estado por meio de um discurso assistencialista. As ações individuais, em termos de caridade, são enfatizadas em detrimento da responsabilidade institucional do Estado (referida apenas à estrofe /10/), como evidencia a estrofe transcrita abaixo:

- (4) Menino de rua eu quisera
Poder mudar tua vida,
Dar-te colégio e lar,
Amor, paz e comida.
O essencial, sem riquezas,
Essa é a boa medida. (/14/)

Esse discurso assistencialista, recorrente no folheto, alia-se ao discurso fatalista na legitimação da retirada do Estado. A mobilização pela mudança não é motivada por uma indignação política com relação ao problema, mas pela consciência cristã, de acordo com o discurso religioso. Observe-se o verso final do poema:

- (5) Um dia o sol nascerá/ Para todos os meninos. Amém. (/32/)

O “*Amém*” final – ‘que assim seja, se Deus quiser’ – mostra que a superação da precariedade, naturalizada no discurso fatalista, depende de Deus, e não de ação política. A pobreza não é representada como processo, consequência de decisões políticas humanas, mas como fenômeno a-histórico e atemporal, ou seja, há uma reificação da precariedade por eternalização, construção simbólica pela qual uma situação é representada como permanente, ocultando seu caráter sócio-histórico (Thompson, 1995).

Considerações finais

A análise dos padrões de co-ocorrência entre o termo ‘menino(s) de rua’ e outras palavras que sirvam para completar ou definir seu significado e das lexicalizações alternativas à expressão analisada, no texto do folheto, é útil para se perceber quais discursos, ou quais padrões de representação, subjazem à identificação das crianças em situação de rua ali representadas. Isso ilustra a relação de interiorização entre os significados representacional e identificacional, visto que discursos são inculcados em identidades.

No folheto, as crianças são identificadas como vítimas desafortunadas, de acordo com o discurso fatalista que representa a precariedade como falta de sorte. Sendo identificadas como passivas, esperando ser salvas (por exemplo, em “*Esperando um pouco de amor*”, à estrofe /03/, “*E espera por mutirão*”, à estrofe /04/ e “*Tua sorte será mudada*”, à estrofe /17/), são representadas como agentes primários, impossibilitados de operar escolhas. Sua capacidade de se transformarem em agentes incorporados, capazes de agir coletivamente e atuar na mudança social, não é considerada (sobre agentes primários e incorporados, ver Archer, 2000).

Nos termos de Castells (1999), para quem toda identidade é construída e o que importa é verificar como e com que finalidade isso ocorre, no folheto a identidade construída para crianças em situação de rua é legitimadora porque a identificação das crianças como desafortunadas, e da exclusão em termos de falta de sorte, naturaliza a diferença social, em consonância com o fatalismo que sustenta o discurso neoliberal. A internalização desse discurso no folheto serve para evidenciar como a circulação massiva dessas representações em variados tipos de texto é parte importante da hegemonia. Isso porque o texto analisado, evidentemente, não objetiva a legitimação do neoliberalismo e da apartação, mas, pela internalização de discursos, muitas vezes acaba por fazê-lo.

Referências

- Abreu, M. (1999).** *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras.
- Ângelo, A. (1996).** *Presença dos cordelistas e cantadores repentistas em São Paulo*. São Paulo: IBRASA.
- Archer, M. (2000).** *Being human: the problem of agency*. Cambridge University Press.
- Batista, E. (2001).** *Meninos de rua*. Juazeiro do Norte.
- Bourdieu, P. (1997).** A demissão do Estado. In: P. Bourdieu (Ed.), *A miséria do mundo*. (215-224). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bourdieu, P. (1998).** *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Buarque, C. (2001).** *O que é apartação – o apartheid social brasileiro*. São Paulo: Brasiliense.
- Castells, M. (1999).** *O poder da identidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Chouliaraki, L. & N. Fairclough. (1999).** *Discourse in late modernity*. Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Fairclough, N. (1989).** *Language and power*. New York: Longman.
- Fairclough, N. (1997).** Discurso, mudança e hegemonia. In: E. R. Pedro (Ed.), *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sócio-política e funcional*. (77-104). Lisboa: Editorial Caminho.
- Fairclough, N. (2001a).** *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Fairclough, N. (2001b).** A Análise Crítica do Discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: C. Magalhães, C. (Ed.), *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. (31-82). Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG.
- Fairclough, N. (2003).** *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.
- Galvão, A. M. (2001).** *Cordel, leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Giddens, A. (2002).** *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Harvey, D. (1992).** *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Resende, V. M. (2005).** Literatura de cordel no contexto do novo capitalismo: o discurso sobre a infância nas ruas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília.
- Resende, V. M. (2006a).** O significado representacional no cordel *Meninos de rua*. In: D. E. G. Silva (Ed.), *Língua, gramática e discurso*. (205-217). Goiânia: Cãnone Editorial.

Resende, V. M. (2006b). Literatura de cordel no Brasil: transformações nas práticas discursiva e social. *Oitavo Congresso Internacional de Humanidades*. Universidade de Brasília; Univesidad Metropolitana de Ciencias de la Educación de Chile.

Resende, V. M. (no prelo). A relação entre literatura de cordel e mídia: uma reflexão acerca das implicações para o gênero na modernidade tardia. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*. Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade.

Soares, L.T. (2003). *O desastre social*. Rio de Janeiro: Record.

Thompson, J.B. (1995). *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Nota biográfica



Viviane de Melo Resende é graduada em Letras (UFV – Universidade Federal de Viçosa – Brasil), mestre em Lingüística (UnB – Universidade de Brasília – Brasil) e doutoranda em Lingüística (UnB). Foi professora do Instituto de Letras da UnB, onde atuou ministrando, principalmente, Leitura e Produção de Texto. Atualmente é vice-coordenadora do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade – NELiS – do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares – CEAM – da UnB. Sua pesquisa atual volta-se para a exclusão social e a situação de rua, a juventude e o protagonismo juvenil. É membro da *REDLAD – Red latinoamericana de estudios del discurso de las personas sin techo o en situación de extrema pobreza*. Publicou recentemente, com a co-autoria de Viviane Ramalho, o livro *Análise de discurso crítica* (São Paulo: Contexto, 2006). **E-mail:** vivianemelo@unb.br

Anexo

Meninos de rua

Esmeralda Batista – Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, 2001

O mundo dá muitas voltas
E volta e meia nos dá
Uns podem ser muito ricos
Outros de lá para cá
Não têm nada para comer
E vivem ao Deus dará. /1/

Assim é em toda terra
No sertão ou na cidade
Você conhece o amor
Desventura ou falsidade
Sua mesa é farta por certo
Outros sem pão e felicidade. /2/

Vamos falar de meninos
Crianças que vivem na rua
Mendigando o pão do dia
A caridade que é sua
Esperando um pouco de amor
Olhando pro céu e pra lua. /3/

Do menino que falo agora
É menino cá do sertão
Da terra do povo pobre
Que merece compaixão
Que ainda é inocente
E espera por mutirão. /4/

A inocência se perde
Tão fácil se há miséria
A beleza de cada alma
Cai com a fome que impera
Você só brilha e é valente
Se juntar o espírito à matéria. /5/

Quando ando pelas ruas
Às vezes fico a pensar
Como a vida é desigual!
E me deparo a olhar
Vendo uma criança com fome
Suja, trapilha, a chorar. /6/

Chora também a minha alma
Meu pensamento que voa
Vai direto ao criador
Com pesar um grito entoa
Clemência pra aquela criança
Aos pés do meu Deus ressoa. /7/

Criança no meio da rua
Criança sem lar e sem berço
Menino de rua sem sorte
Sem casa vivendo num beco
Desses meninos há muitos
Muito mais que dois terços. /8/

Dois terços de pobres coitados
Jogados à sorte na vida
Precisamos mudar isto
Tirá-los da rua é a medida
Correta para nós cristãos
Este é o remédio e a saída. /9/

Deixá-los abandonados
Nas ruas do nosso país
Sem escolas e sem lares
Isto é um viver infeliz
Juntemos as nossas forças
Nós, autoridades e juiz. /10/

Meninos de rua, coitados!
Muitos sem pais, pode crer
Se estão vivos, não contam
Se morreram é padecer
Para as crianças que ficam
Isto é mais que sofrer. /11/

Alguns até têm os pais
Mas não sabem educar,
Pois, não tiveram também
A sorte de marajá
Sem dinheiro e sem comida
O que iriam ensinar? /12/

Já foram crianças também
De tal vida amargurada,
Vivendo num mundo louco
De drogas, brigas e nada
De conforto para o corpo,
Só miséria desalmada. /13/

Continuar assim não dá
Não é só por ser cristão
Cada um tem que pensar
Em fazer uma boa ação
Ajudando a quem não tem
Dar pra crianças sua mão. /14/

Sabemos que muita coisa
Já foi feita pro seu bem.
Tirar das ruas os meninos
E as meninas também,
A tristeza que impera
Vai sumir para o além. /15/

Quando a criança não tem
Motivos para sonhar
Se queda de alma e corpo
No mundo que vai buscar
O que pensa que é correto,
Vai no perigo se afogar. /16/

Menino de olhos tristes
De roupa suja, rasgada
De barriga bem lá dentro
De uma vida açoitada
Vem pra luta, não desista,
Tua sorte será mudada. /17/

Deus não quer teu infortúnio
Nem também teu padecer.
Ele fez o mundo lindo
Para nós, podemos crer
A fartura é para todos
Não para alguns, é pra valer! /18/

Ele espera que nós todos
Nos juntemos em mutirão
Sem deixar ficar na lama
Nem sequer pior ladrão
Quanto mais uma criança
Filho de Deus, e de Adão. /19/

Não posso me conformar
Com a diferença na vida
Uma criança com sorte
Outra com alma em ferida,
Jogada no meio do tempo
Sem rumo, sem vinda, nem ida. /20/

Criança é coisa tão bela
É como a rosa em botão,
Devagar vai se abrindo
Com beleza e perfeição,
Por que todos não te vamos
Segurar na tua mão? /21/

Criança é tudo criança
Não devemos abandonar,
Algo tem que ser feito
Vamos o seu grito escutar
Temos que dar um jeito
E correr pra te salvar. /22/

Criança de rua quisera
Que tu tivesses teu lar,
Que tua vida em primavera
Com sinos a badalar
Te levasse só alegrias
Em vez do teu soluçar. /23/

Eu também estou chorando
Por te ver assim sozinha
Chorando no meu cordel
Por tua vida mesquinha
Ah! Quem me dera eu pudesse
Ser uma fada ou rainha. /24/

Ser uma fada ou rainha
Acabar com teu sofrer
Te dar sonhos de criança
Pra esquecer teu padecer
Não andar pedindo esmolas
Isto é real pra se ver. /25/

Menino de rua eu quisera
Poder mudar tua vida,
Dar-te colégio e lar,
Amor, paz e comida.
O essencial, sem riquezas,
Essa é a boa medida. /26/

Menino de rua descalço
Em trapos, com fome, a chorar
Se não chora o teu corpo
Ouço tua alma gritar
Tu menino, igual a todos
Mas menino sem um lar. /27/

Meu Deus, meu Deus, que horror!
No mundo há tantas crianças
Por que será que nem todas
Terão bonitas lembranças?
Da infância que tiveram
Uma vida sem bonança. /28/

Tão magros, tão tristes meninos
Jogados na vida sem lar,
Nasceram em berço de espinhos
Com mesa sem caviar,
Lutemos, pois tua vida
Um dia vai melhorar. /29/

Menino ainda criança,
A luta será bem difícil,
Mas juntando nossas preces
Ao teu triste sacrifício
Ofertemos no altar.
Nosso será esse ofício. /30/

Para Deus eu te consagro,
Da minha alma sai um grito,
Uma prece para o alto
Do meu peito pro infinito,
Tua vida mudará
O teu sofrer é proscrito. /31/

Menino, não desanimes
Vá em frente e lute bem
Deus certamente é contigo
E a Mãe de Jesus também
Um dia o sol nascerá
Para todos os meninos. Amém. /32/